Contributo para a história da tradução em Portugal: as primeiras tradutoras conhecidas

A Contribution to the History of Translation in Portugal: The first known woman translators

MAFALDA FRADE (*Centro de Linguística (FCSH), Universidade Nova de Lisboa e Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro — Portugal*) [1]

Abstract: This research aims to improve knowledge about the history of translation in Portugal, focusing specifically on the vernacular translation of Latin texts carried out by women at the end of the Middle Ages and the beginning of the Renaissance period. To this end, we will examine the information available on three woman translators whose work has come down to our days—Philippa of Lancaster, Infanta D. Catarina and Leonor de Noronha—, providing a brief survey of the works they have either authored or translated.

Keywords: translation; Phillipa of Lancaster; Infanta D. Catarina; Leonor de Noronha; Portuguese; Latin.

Na história dos primórdios da tradução em Portugal, existem variadas referências ao trabalho desenvolvido por tradutores do sexo masculino quatrocentistas, não sendo comum, porém, a referência à existência de mulheres versadas na arte de traduzir. Contudo, há notícias de mulheres tradutoras em Portugal já no século XV, ainda que o seu trabalho permaneça na obscuridade, dado que praticamente não há estudos recentes sobre ele. Tal situação chamou-nos a atenção, pelo que resolvemos investigar os dados existentes sobre as primeiras mulheres conhecidas que se dedicaram à tradução de textos latinos para vernáculo num mundo predominantemente masculino.

A problemática da tradução no século XV

A tradução de textos latinos em Portugal, ainda que tenha começado mais cedo, conheceu um impulso forte na época de Quatrocentos, muito por influência da Casa de Avis, nomeadamente da Ínclita Geração. Contudo, a grande maioria dos textos traduzidos neste período é de tradutor desco-

Texto recebido em 15.11.2014 e aceite para publicação em 28.12.2015.

[1] mmfrade@fcsh.unl.pt — (SFRH/BPD/47528/2008)

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 18 (2016) 141-155 — ISSN: 0874-5498

nhecido. De facto, conhecemos apenas alguns nomes de tradutores de Latim desta época (ou do século anterior), na sua maioria do sexo masculino, que pertenciam a várias classes sociais. Entre eles, encontramos nobres como os reis D. João I e D. Duarte ou o Infante D. Pedro que traduziram, por exemplo, textos de cariz moralístico e governativo; clérigos como os dominicanos Álvaro da Mota e Frei Álvaro da Torre ou os monges cistercienses Francisco de Melgaço e Bernardo de Alcobaça, mais dedicados à tradução de obras de cariz religioso (Regras de ordens ou obras hagiográficas, por exemplo); profissionais como notários (Lopo Gil ou Gonçalo Homem) ou magistrados (como Estêvão Vasques), que se dedicavam à tradução de textos de foro mais administrativo e legislativo; cronistas (Rui de Pina ou Fernão Lopes), que traduziram, por exemplo, bulas papais); ou impressores/editores (Valentim Fernandes e Rodrigo Álvares) que traduziram textos de diversa índole (como narrativas de viagens ou textos bíblicos)[2].

Neste universo dos tradutores, descobrimos que chegaram ainda até nós versões remanescentes de traduções de textos latinos para vernáculo efetuadas por três mulheres nascidas no século XV — D. Filipa de Lencastre, a Infanta D. Catarina e Leonor de Noronha –, ainda que não seja de pôr de lado a hipótese de existirem mais (tal como acontece com os homens), dado que há registo de atividade cultural por parte de outras mulheres, como veremos.

Os estudos existentes sobre estas três figuras são escassíssimos e remontam, na sua grande maioria, a finais do século XIX e inícios do século XX, resumindo-se à compilação dos seus dados biobibliográficos, alguns dos quais já desatualizados. Há, após esta fase, alguns estudos que mencionam de passagem as três letradas, mas praticamente nenhuma publicação ou análise detalhada das suas obras.

Estas informações sobre o labor cultural feminino, contudo, e em especial o trabalho dedicado à tradução, são parcas, sobretudo quando comparadas com os dados referentes ao trabalho desenvolvido pelos homens.

---

[2] Vide PHILOBIBLON/BITAGAP para mais informações sobre estes e outros tradutores.

Para alguns autores, como demonstra Villegas de la Torre[3], tal situação deve-se ao facto de, em alguns casos, a autoria dos textos poder ser posta em dúvida ou de o trabalho feminino ser considerado de menor valor, o que implica uma desvalorização que ainda hoje ocorre e não ajuda ao desenvolvimento da investigação a este nível. Por outro lado, se tivermos em conta que, à época, a cultura livresca não era um aspeto considerado fundamental para a maioria das mulheres, pelo que só algumas tinham o privilégio de poder estudar, não surpreende que o trabalho cultural desenvolvido por mulheres passasse algo despercebido e não fosse, por isso, suficientemente valorizado para ser divulgado ou impulsionado.

A tradução feminina nos fins da Idade Média e inícios do Renascimento.

As primeiras tradutoras portuguesas conhecidas

Na Idade Média, mundo dominado pela misoginia e em que o papel da mulher era o de clara subordinação ao homem, a cultura não era acessível à maioria dos seres do sexo feminino. Assim sendo, a sua educação cingia-se, em grande parte dos casos, à educação doméstica, exigindo-se castidade e domínio dos trabalhos femininos. Excetuavam-se, contudo, as mulheres de classe alta, cujo estatuto exigia muitas vezes uma certa cultura, razão pela qual pelo menos algumas sabiam escrever e ler, chegando a dominar várias línguas, como o Latim, o Grego ou o Francês[4].

Em Portugal, há notícias, assim, de mulheres letradas e que chegaram a influenciar o panorama cultural português. Podemos falar, por exemplo, das duas rainhas D. Leonor (esposas de D. Duarte e de D. João II) ou de D. Isabel (mulher de D. Afonso V), conhecidas pela encomenda de obras e traduções e pelos seus interesses culturais e apoio às artes[5]. E também de outras a quem, não sendo rainhas, foi reconhecido o talento para as letras. É o caso das primeiras tradutoras que se conhecem em Portugal, todas nascidas no século XV e que se movimentaram pela Corte Portuguesa. Falamos de duas descendentes diretas da Casa de Avis — D. Filipa de

[3] Villegas de la Torre (2011) 8-11, 18-20.
[4] Duby e Ariès (1990) 283-284.
[5] Dias (1996) 7-8; Villegas de la Torre (2011) 48-49.

Lencastre e a Infanta D. Catarina — e de uma mulher de ascendência nobre cuja família circulava pela Corte — D. Leonor de Noronha.

D. Filipa de Lencastre

A herdeira do nome da rainha Filipa de Lencastre, esposa de D. João I e mãe da Ínclita Geração, nasceu em Coimbra em 1435 e morreu a 26 de julho de 1497[6], aos 56 anos de idade. Foi a última filha do Infante D. Pedro e de D. Isabel de Aragão e assistiu à desgraça em que a sua família direta incorreu, devido aos problemas políticos que D. Pedro enfrentou, quando Regente do Reino.

Não tendo casado, refugiou-se no Mosteiro de Odivelas, sem professar, tendo para isso obtido uma licença papal especial concedida pelo Papa Sisto IV, em 1473, para escolher o mosteiro que lhe aprouvesse[7]. Note-se, neste âmbito, que D. Filipa escolhe um mosteiro habituado a receber mulheres nobres: à época, existiam conventos femininos protegidos e visitados pelas rainhas, como o de Odivelas, Santa Clara de Coimbra, o de São Salvador de Lisboa ou o de Aveiro. De facto, "estas comunidades constituíam (…) o conjunto dos lugares elegíveis para a estada de uma princesa a quem as vicissitudes políticas do tempo, e não uma escolha deliberada pelo modo de vida monástico, impunham esta decisão"[8]. A essa instituição D. Filipa doou grande parte do seu legado[9] e aí se ocupou com a oração e o estudo durante cerca de dezassete anos. Responsável pela instrução da Beata Joana de Portugal[10], filha de D. Afonso V, sua sobrinha, era versada em várias línguas, incluindo o Latim, tendo escrito vários tratados espirituais, entre os quais *Nove estações ou meditações da Paixão, mui devotas para os que visitam as Igrejas Quinta feira de*

[6] Ou eventualmente a 11 de fevereiro de 1493. Vide Cardoso (1652) I.411; Silva (1860) s.u. 'D. Filippa de Lencastre', I.292.

[7] Cardoso (1652) I.412.

[8] Gomes (1994) 95-96.

[9] Salgado e Salgado (1999) 63-76; Vicente (2011).

[10] Mais conhecida por 'Santa Joana Princesa'.

Indulgências, textos impressos durante a regência de D. Catarina, mulher de D. João III[11].

Escreveu ainda textos políticos, como *Conselho e voto da Senhora Dona Filipa, filha do Infante D. Pedro sobre as Terçarias, e guerras de Castela*, texto impresso em Lisboa, por Lourenço de Anvers, em 1643[12] ou o texto *Prática feita ao Senado de Lisboa em tempo que receava algum tumulto*. Estas obras são testemunha do prestígio e autoridade que lhe eram atribuídos ao tempo — numa época em que as mulheres praticamente não tinham voz política — e que terão tido início no reinado de D. João II, época em que, muito respeitada, foi consultada sobre os problemas que grassavam no Reino[13].

As suas ocupações literárias parecem tê-la levado ainda a traduzir, do Latim, textos de S. Lourenço Justiniano[14], embora tal não seja certo, dado que a autoria das traduções pode pertencer a sua prima, a Infanta D. Catarina, como veremos. Certo é que traduziu, do Francês, um livro intitulado *Evangelhos e homilias para todo o ano*[15], sendo que, no fim deste, se encontra um poema de sua autoria (terá sido autora de vários), o que faz com que seja considerada a primeira mulher de que há registo, nas letras portuguesas, a quem é possível atribuir o título de poetisa[16].

Sobreviveram, além da tradução, o *Conselho sobre as Terçarias, e guerras de Castela*[17] e a dedicatória do livro dos Evangelhos (existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra com a cota RB-33-24)[18].

---

[11] Não se conhece o local, a data ou o impressor da obra. MACHADO (1996 [1741-1759]) 66; ZÚQUETE (1960-1984) s.u. '4f. D. Filipa', I.271; SILVA (1860) s.u. 'D. Filippa de Lencastre', I.292-293.

[12] MACHADO (1996 [1741-1759]) 66; ZÚQUETE (1960-1984) s.u. '4f. D. Filipa', I.271.

[13] SALGADO e SALGADO (1999) 64-65; CARDOSO (1652) I.411-412.

[14] Biblioteca Nacional de Portugal, Res. 166 A e Res. 28735 P; Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, 513.

[15] SANTIAGO-OTERO e REINHARDT (2011) 47; SANTIAGO-OTERO e REINHARDT (1986) 136-137.

[16] SALGADO e SALGADO (1999) 63.

[17] Existem várias versões, uma das quais se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal (ALC. 124). Vide PHILOBIBLON/BITAGAP, texid BITAGAP 9422.

[18] VILLEGAS DE LA TORRE (2011) 71.

Infanta D. Catarina

A Infanta D. Catarina, filha de D. Duarte, Rei de Portugal, e de sua mulher, D. Leonor, nasceu em Lisboa a 25 ou 26 de novembro de 1436 e faleceu na mesma cidade a 17 de junho de 1463.

Sabemos que sua mãe pretendeu dar-lhe uma esmerada educação, razão pela qual teve como aia D. Violante Nogueira, irmã do Arcebispo de Lisboa, D. Afonso Nogueira, e por mestre o eclesiástico D. Jorge da Costa, por influência do Infante D. Pedro, que a instruiu, entre outras disciplinas, na língua latina[19]. Esta educação é facilmente compreensível, atendendo às suas origens: seu pai pertenceu à Ínclita Geração e foi responsável pela produção de obras e encomendas de traduções, tendo ele próprio traduzido alguns textos (veja-se o hino latino *Iuste Iudex* que traduziu e se encontra no capítulo 99 da obra *Leal Conselheiro*[20]); seu tio, D. Pedro, foi ele próprio tradutor e sua mãe era também letrada, como vimos.

Inconsolável com a morte possivelmente causada por veneno de seu noivo, D. Carlos, Príncipe de Navarra (filho do Rei de Aragão e Navarra, D. João II), recolheu-se ao Convento de Santa Clara[21] ou ao Mosteiro de S. Salvador[22], onde se dedicou à vida espiritual durante três anos. Sendo-lhe destinado novo casamento, agora com Eduardo IV, Rei de Inglaterra, o mesmo não se veio a verificar devido à morte prematura da Infanta.

Bastante instruída, terá composto diversas obras, tendo chegado até nós um manuscrito[23] com traduções associadas a S. Lourenço Justiniano, primeiro Patriarca de Veneza, de que parece ser a autora, embora sem certezas. Esta obra foi depois impressa em Coimbra, no Mosteiro de Santa

---

[19] D. Duarte, seu pai, morreu quando a Infanta tinha apenas dois anos, tornando-se sua mãe e o Infante D. Pedro os responsáveis pela sua educação – CARDOSO (1652) III.718; Vide também SALGADO (1841) s.u. 'D. Catharina', I,561; VILLEGAS DE LA TORRE (2011) 70-71

[20] ZÚQUETE (1960-1984) s.u. 'D. Duarte', I.305-317.

[21] SALGADO (1841) s.u. 'D. Catharina', I, 561; ZÚQUETE (1960-1984) s.u. '8 – D. Catarina', I.315.

[22] ANTONIO (1788) II, 283 (nº 503); SILVA (1860) s.u. 'D. Catharina', I.62-63; CARDOSO (1652) III.718-719.

[23] Trata-se do Manuscrito da Livraria 513, atualmente na Torre do Tombo, que integra os textos 'Vida e Doutrina do bem-aventurado Lourenço Justiniano primeiro Patriarca de Veneza', 'Regra e perfeição da conversação dos monges' e 'Da Vida Solitária'.

Cruz, em 1531 (a 28 de abril, 68 anos após a morte da Infanta, portanto), por Germão Galharde, devido ao prior de Santa Cruz, D. Dionísio de Morais, que entendeu ser este texto 'essencial aas almas dos devotos' (1ª página, advertência preliminar)[24]. A obra conheceu uma segunda edição em 1791 (intitulada *Da perfeição da vida monástica e da vida solitária*), agora em Lisboa, na Oficina de Tadeu Ferreira, tendo sido objeto de algumas alterações e acrescentos, relacionados sobretudo com um prefácio e uma advertência final, a que se juntam os dados biográficos da tradutora[25].

Note-se que há, a este nível, alguma confusão entre a autoria destas traduções, já que alguns a atribuem a D. Filipa de Lencastre, sua prima[26]. De facto, o Manuscrito da Livraria 513 é omisso em relação ao tradutor dos textos, cuja autoria, contudo, é explicitada no frontispício da edição de Germão Galharde (que edita os tratados 'Regra e perfeição da conversação dos monges' e 'Da Vida Solitária'):

> *E nom menos digna de louvor he a senhora iffante dõna Catherina irmaã del Rey Dom Afõso ho quĩto a qual tanto resplãdeceo em seu tẽpo em virtude e sabedoria que esquecida dos cuidados das outras femeas se affirma aver tirado ho veeo a esta obra para que podesse ser cobiçada dos simplezes e sem trabalho entendida dos doctos tornãdoa de latim em nosso purtugues.*

D. Leonor de Noronha

A tradutora de que possuímos mais notícias é D. Leonor de Noronha, que nasceu em Évora, na última metade do século XIV (1488), tendo falecido na mesma cidade a 17 de fevereiro de 1563.

Foi filha de D. Fernando de Meneses, quarto Conde de Vila Real e quarto Capitão de Ceuta, entre outros títulos, e de D. Maria Freire. Pelo lado do pai, foi bisneta de D. Fernando de Noronha, segundo Conde de Vila Real, que descendia, por via paterna bastarda, do Rei de Castela, Henrique II, e do Rei de Portugal, D. Fernando. Assim sendo, era de linhagem nobre,

---

[24] SILVA (1860), s.u. 'D. Catharina', I.62-63.

[25] ZÚQUETE (1960-1984), s.u. '8 – D. Catarina', I.315; SILVA (1860), s.u. 'D. Catharina', I.62-63.

[26] D. MANUEL II (1995) I.452; VILLEGAS DE LA TORRE (2011) 71; DIAS (1996) 6-26; LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM (2003) 239; PHILOBIBLON/BITAGAP – texid 9795; texid 1116; texid 1115 .

ainda que por via bastarda, e a sua família mantinha relações estreitas com a Casa de Avis, tanto por parte do pai como da mãe. De facto, pelo lado paterno beneficiava dos feitos dos seus antepassados em Ceuta e da estreita colaboração que mantiveram com D. João I e seus filhos[27]. Já por via materna, seu avô, João Freire de Andrade, foi aposentador mor da Casa Real e seu bisavô, Pedro Gonçalves Malafaia, foi vedor da Fazenda do Rei D. João I[28].

Além do facto de seu pai ser ele próprio letrado[29], o que demonstra que D. Leonor teria acesso direto à cultura, é possível que ela tenha também beneficiado desta relação da sua família com a Casa Real. De facto, a tradução que elabora é dedicada à rainha D. Catarina, mulher de D. João III, conforme consta logo no início dos dois volumes da obra de Sabélico que traduziu:

> *Cronica geral de Marco Antonio Cocio Sabelico des ho começo do mundo ate nosso tempo. Tresladada de latim em lingoage[m] portugues por Dona Lianor filha do Marques de Vila real Dom Fernando. Dirigida aa muyto alta e muyto poderosa senhora Dona Catherina Raynha de Portugal. Molher do muyto alto e muyto poderoso senhor Dom Joam terceyro Rey de Portugal deste nome e quinto decimo no conto dos reys delle.*
>
> *Coronica geral da eneyda segu[n]da de Marco Antonio Cocio Sabelico des ho começo do mundo ate nosso tempo. Tresladada de latim em lingoage[m] portugues por Dona Lianor filha do Marques de Vila real Dom Fernando. Dirigida aa muyto alta e muyto poderosa senhora Dona Catherina Raynha de Portugal. Molher do muyto alto e muyto poderoso senhor Dom Joam terceyro Rey de Portugal deste nome e quinto decimo no conto dos reys delle.*

Além desta, pelo menos outra obra, cujo paradeiro é desconhecido, terá sido dedicada a esta rainha, como testemunha Jorge Cardoso:

> *Sendo ornada de singulares dotes da natureza, e da graça, propòs firmemente de perseverar até morte no sublime estado virginal (como fez) occupandose no estudo*

[27] Por exemplo, um dos seus antepassados, D. Pedro de Meneses (? – Ceuta 1437), primeiro Capitão de Ceuta e primeiro Conde de Vila Real, viu os seus feitos contados nas crónicas de Zurara e entre 1428 e 1432 seu bisavô, D. Fernando de Noronha, foi Conselheiro de D. João I, seu tio-avô. Vide HOMEM (1990) 258; TEIXEIRA (2004) 109-174; VASCONCELOS (2008) 365, 443, 479; D'ÁVILA (2009) 88, 125-130.

[28] MACHADO (1996 [1741-1759]) vol. III, s.u. 'D. Leonor de Noronha'.

[29] Vide PHILOBIBLON/BITAGAP para mais informações sobre este letrado.

das humanas, e divinas letras, em que foi eminente. Pois traduzio com muita elegancia, e louvor de Latim em vulgar as Enneidas de M. Antonio Sabellico, parte das quaes andão impressas, parte manuscrittas. Assi mesmo compòs, e imprimio alguns Trattados spirituaes, a modo de homilias, que dedicou à Rainha D. Catharina (…).[30]

Ora, sabemos que a presença de mulheres na Corte portuguesa está estreitamente ligada às rainhas, que por vezes surgem como patronos da edição de textos. De facto, por norma, as mulheres do séquito das rainhas pertenciam a famílias que circulavam pela Corte Real e que eram próximas do rei ou seus parentes[31]. Assim sendo, é possível que Dona Leonor tenha beneficiado de um contacto com a Corte ou mesmo da proteção de D. Catarina, o que lhe permitiu aprofundar os seus estudos e desenvolver um aturado trabalho de tradução e produção de textos, sob a égide de André de Resende, de quem foi discípula e de quem terá bebido influências humanistas, havendo notícias de que dominaria o Latim, o Castelhano e o Italiano[32].

A obra pela qual é mais conhecida é precisamente uma tradução de caráter historiográfico que se reveste de especial interesse na medida em que é o único exemplar conhecido de uma obra deste teor escrita por uma mulher numa época em que esse género "está a ser promovido para o mercado da obra impressa polos agentes que, como a própria D. Leonor de Noronha, dominam o campo do poder" (López-Iglésias Samartim (2003) 331). De facto, "o acesso maciço à imprensa do género historiográfico fai parte dumha estratégia consciente de política cultural da nobreza que domina um Estado em plena crise político-económica (…) que a nobreza pretende disfarçar promovendo a impressom de textos sobre o passado remoto e heróico da monarquia portuguesa ou sobre o passado recente das conquistas ultramarinas" (*ibidem*).

Neste âmbito, assim, entre 1521 e 1550, D. Leonor ter-se-á dedicado à tradução da obra de *Marcus Antonius Coccius Sabellicus* (nascido provavelmente em 1436), *Cronica geral de Marco Antonio Cocio Sabelico des ho começo do mundo ate nosso tempo*, texto que terá sido composto pelo autor entre 1498 e

[30] Cardoso (1652) I, 454-455.
[31] Gomes (1994) 82-83.
[32] Machado (1996 [1741-1759]) vol. III, s.u. 'D. Leonor de Noronha'.

1504 e cujo título em Latim é *Enneades sive Rhapsodia historiarum* (ou também *Rapsodiae Historiarum Enneadum*). Esta obra foi depois impressa em Coimbra, a 25 de setembro de 1550 (1ª parte) e 10 de junho de 1553 (a 2ª parte da obra, denominada *Coronica geral da eneyda segu[n]da de Marco Antonio Cocio Sabelico des ho começo do mundo ate nosso tempo*), por João de Barreira e João Álvares[33].

Destas traduções existem vários exemplares, sendo que alguns se encontram disponíveis *online*. Falamos de exemplares da Biblioteca Nacional de Portugal, com as cotas Res. 4180/1 V (primeira parte da obra) e Res. 4180/2 V (segunda parte da obra)[34]. A Biblioteca Nacional possui outras cópias[35], existindo ainda notícias de testemunhos espalhados por bibliotecas nacionais e estrangeiras[36].

Além disso, há notícia da existência de outros dois volumes da mesma obra traduzidos por D. Leonor pertencentes à biblioteca dos Duques do Cadaval a que não conseguimos aceder[37] e em que Tarouca, em 1949, afirma ter encontrado interpolações históricas da autoria da tradutora em estudo, que utilizaria a primeira pessoa — "eu, escrivão desta história" (VII, capítulo 50) — e invocaria o fraco conhecimento de Sabélico a propósito da história da Península Ibérica (VII, capítulo 12) ou a incompletude das suas informações, dedicando-se em vários passos a completar a obra com o relato de acontecimentos históricos de Portugal e Espanha[38]. A localização destes volumes, a ser possível, poderá ajudar a completar a obra que hoje se conhece, permitindo aprofundar o trabalho de tradução de D. Leonor, nomeadamente a nível da hipótese de a autora se ter dedicado de forma explícita à narração

---

[33] SALGADO (1841) s.u. 'D. Leonor de Noronha', 33-34; MACHADO (1996 [1741-1759]) vol. III, s.u. 'D. Leonor de Noronha'; SILVA (1860) s.u. 'D. Leonor de Noronha', V.179-181.

[34] Disponíveis respetivamente em http://purl.pt/14546 e http://purl.pt/14856.

[35] Primeira parte da obra: Res. 406 V, Res. 408 V, Res. 1331 V e Res. 2619 V; segunda parte da obra: Res. 407 V, Res. 409 V e Res. 2620 V.

[36] Vide PHILOBIBLON/BITAGAP.

[37] TAROUCA (1949).

[38] TAROUCA (1949) lista vários passos da autoria de D. Leonor, partindo do códice 891 do Cadaval.

da história da Península, assunto que só escassamente transparece nos textos conhecidos[39].

De facto, nestes últimos os assuntos retratados prendem-se sobretudo com a tradução de histórias do Antigo Testamento e da Grécia e Roma Antigas, a que D. Leonor acrescenta algumas narrativas não presentes na obra original. São essas o 'Capitulo de Job de que nam faz mençam Sabelico'[40], 'Da Estoria de Tobias que nam põe Sabelio'[41] e 'Da historia de Judith que não põe Sabelio'[42]. Note-se aqui o comporta-mento consentâneo de D. Leonor: tal como sucede ao longo da História de Sabélico, se tomarmos como certo o testemunho de Tarouca (1949), também aqui inclui textos que considera importantes, mencionando a sua ausência da obra histórica que traduziu. Neles parece intercalar partes traduzidas do texto bíblico com trechos de autores de referência, como São Tomás de Aquino ou São Paulo, aparecendo também trechos em Latim. Tal situação não é nova no panorama da tradução em Portugal: a Virtuosa Benfeitoria, obra atribuída ao Infante D. Pedro e Frei João Verba, pauta-se pelo mesmo tipo de metodologia, já que intercala trechos traduzidos do *De beneficiis* de Séneca com outros, de diversos autores, sobretudo Padres da Igreja. Contudo, nenhum investigador faz menção destes textos como sendo traduções, nem tal consta do seu início, pelo que só uma investigação mais apurada o poderá determinar.

Já a obra *Este liuro he do começo da historea de nossa rede[n]çam que se fez pera consolação dos que nam sabe[m] latim* (BNP, res-121-v e res-3504-1-p, ULFL RES. 245), segundo Inocêncio Francisco da Silva[43] é também a tradução "de uma *decada* das *Aeneidas* do referido Marco Antonio Sabelico".

---

[39] López-Iglésias Samartim (2003) 313-314.

[40] Surge a seguir à tradução do texto de Sabélico, na edição que existe na BNP (Res. 4180/1 V, primeira parte da obra), sendo que este capítulo se encontra nas páginas 351-364.

[41] Capítulo 38 da edição que existe na BNP (Res. 4180/2 V, segunda parte da obra), sendo que este capítulo se encontra entre as páginas 109 e 116.

[42] Capítulo 38 da edição que existe na BNP (Res. 4180/2 V, segunda parte da obra), sendo que este capítulo se encontra entre as páginas 298 e 301.

[43] Silva (1860) s.u. 'D. Leonor de Noronha', V.179-181.

Ainda que, no texto das versões remanescentes que consultámos[44], nada conste sobre uma tradução, tal asseveração de Silva parece-nos plausível, se tivermos em conta o título da obra e a afirmação *pera consolação dos que nam sabe[m] latim*.

Impressa em dois momentos, esta obra conhece, a 12 de abril de 1552, em Lisboa, uma primeira impressão levada a cabo por Germão Galharde (primeira parte), surgindo a segunda parte a 8 de agosto de 1554, em Coimbra, por João de Barreira (BNP, res-3504-2-p).

Por fim, também se lhe atribui a elaboração da obra *Tres meditaçoens da Payxaõ para se contemplarem no Triduo da Semana Santa com huma breve declaraçaõ do Pater Noster*, que terá sido impressa, conforme referência de Cardoso, embora não possuamos mais dados[45].

Conclusão

Ao longo deste estudo, pretendemos trazer de novo à luz e atualizar os dados bibliográficos das três primeiras tradutoras de textos latinos que se conhecem na história literária portuguesa e que não foram ainda devidamente estudadas. Neste âmbito, procurámos coligir o maior número de dados possível, deixando pistas para trabalhos futuros que se possam realizar no âmbito da história da tradução, sobretudo no que diz respeito ao labor tradutório levado a cabo por mulheres, que está muito pouco estudado, mas que parece ter tido, já no século XV e inícios do XVI, alguma expressão em Portugal.

Bibliografia

ANTONIO, Nicolás (1788), *Bibliotheca Hispana Vetus.* Madrid, Herederos de Joaquín Ibarra.

CARDOSO, Jorge (1652), *Agiologio lusitano dos Sanctos e Varões illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*. Lisboa, Officina Craesbeeckiana et alii. In http://purl.pt/12169.

44 http://purl.pt/15151; http://purl.pt/23225

45 MACHADO (1996 [1741-1759]), vol. III, s.u. 'D. Leonor de Noronha'; CARDOSO (1652) 459-460.

D'ÁVILA, Maria Barreto (2009), *D. Fernando I, 2º Duque de Bragança: vida e acção política*. Diss. Mestrado. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

DIAS, Aida Fernanda (1996), "As mulheres nas letras medievais portuguesas": *Santa Barbara Portuguese Studies*, 3 (1996) 7-26.

DUBY, Georges e ARIÈS, Philippe (1990), *História da vida privada*. Porto, Edições Afrontamento. Vol. II – Da Europa Feudal ao Renascimento.

GOMES, Rita M. F. C. (1994), *A corte dos reis portugueses no final da Idade Média*. Diss. Doutoramento. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

HOMEM, Armando L. C. (1990), *Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa, Livros Horizonte.

LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM, R. (2003), *A Dona do Tempo Antigo: Mulher e Campo Literário no Renascimento Português, 1495-1557*. Santiago de Compostela, Laiovento.

MACHADO, Diogo B. (1996 [1741-1759]), *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra, Atlântida Editora.

D. MANUEL II (1995), *Livros antigos portuguezes 1489-1600 da Bibliotheca de Sua Majestade Fidelissima*. Pref. de José Vitorino de Pina Martins. 3 vol. Braga, APPACDM.

PHILOBIBLON/BITAGAP – *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*: http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/index.html.

SALGADO, Abílio José e SALGADO, Anastásia Mestrinho (1999), *O espírito das Misericórdias nos testamentos de D. Leonor e de outras mulheres da Casa de Avis*. Lisboa, Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias, 63-76.

SALGADO, Jozé Augusto (1841), *Bibliotheca lusitana escolhida ou Catalogo dos escriptores portuguezes*, Porto, Typographia Commercial Portuense, 33-34.

SANTIAGO-OTERO, Horacio e REINHARDT, Klaus (1986), *Biblioteca bíblica ibérica medieval*. Madrid, CSIC, 136-137.

SANTIAGO-OTERO, Horacio e REINHARDT, Klaus (2011), *La Biblia en la península ibérica durante la edad media (siglos XII-XV): el texto y su interpretación*. Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 47.

SILVA, Inocêncio F. (1860), *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional.

TAROUCA, Carlos da Silva (1949), "Uma História de Portugal no séc. XVº e a sua autora": *Brotéria* 48.6 (1949) 668-677.

TEIXEIRA, André Pinto de Sousa Dias (2004), "Uma linhagem ao serviço da 'ideia imperial Manuelina': Noronhas e Meneses de Vila Real, em

Marrocos e na Índia": *Actas do Colóquio Internacional A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia*. Lisboa, C. H. de Além mar / U.N.L. / I.I.C.T. / C.E.H.C.A., 109-174.

VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de (2008), *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI).* Dissertação de Doutoramento. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

VICENTE, Maria da Graça (2011), *D. Filipa: a senhora de Odivelas: 1437-1493*. Vila do Conde, QuidNovi.

VILLEGAS DE LA TORRE, Esther M. (2011), *Women and the Republic of Letters in the Luso-Hispanic World, 1447-1700*. Nottingham, UK, University of Nottingham: http://etheses.nottingham.ac.uk/view/people/Villegas_de_la_Torre=3AEsther_Maria=3A=3A.html.

ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (1960-1984), *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Lda.

****

Resumo: Com esta investigação, pretendemos contribuir para aprofundar o conhecimento da história da tradução em Portugal, nomeadamente no que diz respeito ao trabalho de tradução de textos latinos para vernáculo por três mulheres, nos fins da Idade Média e inícios do Renascimento. Neste âmbito, analisaremos os dados que se conhecem acerca de três tradutoras cujo trabalho chegou até nós — D. Filipa de Lencastre, Infanta D. Catarina e Leonor de Noronha, fazendo uma breve excursão pelas obras de que são autoras ou tradutoras.

Palavras-chave: tradução; Filipa de Lencastre; Infanta D. Catarina; Leonor de Noronha; português; latim.

Resumen: Pretendemos con esta investigación contribuir a la ampliación del conocimiento sobre la historia de la traducción en Portugal, en concreto en lo que se refiere al trabajo de traducción de los textos latinos a lengua vernácula realizada por tres mujeres a finales de la Edad Media e inicios del Renacimiento. En este ámbito, analizaremos los datos que se conocen sobre las tres traductoras cuyo trabajo nos ha llegado, D. Filipa de Lencastre, la Infanta D. Catarina y Leonor de Noronha, realizando una breve digresión por las obras de las que son autoras o traductoras.

Palabras clave: traducción; Filipa de Lencastre; Infanta D. Catarina; Leonor de Noronha; portugués; latín.

Résumé: Avec cette recherche, nous voulons contribuer à l'approfondissement de la connaissance de l'histoire de la traduction au Portugal, notamment en ce qui concerne le travail de traduction de textes latins en langue vernaculaire par trois femmes, à la fin du Moyen Âge et au début de la Renaissance. Dans ce contexte, nous analyserons les données connues de ces trois traductrices dont le travail est parvenu jusqu'à nous — D. Philippa de Lancastre, Infante D. Catarina et Leonor de Noronha, en faisant une brève excursion dans les œuvres dont elles sont les auteures.

Mots-clés : traduction ; Philippa de Lancastre ; Infante D. Catarina ; Leonor de Noronha ; portugais ; latin.